



Meu corpo fala: discussões sobre o audiovisual como possibilidade de voz para o Porto do Capim, em João Pessoa
My body is the discourse: discussions about the audiovisual as a possibility of voice for Porto do Capim, in João Pessoa

Kenia Kalyne Gomes De Almeida

Daniel Rodrigo Meirinho de Souza

Palavras-chave: Porto do Capim; Audiovisual; Corpo; Mulher

Introdução

O artigo traz a problemática sobre o processo comunicacional através da uso do audiovisual como possibilidade de voz para o Porto do Capim, em João Pessoa. Pretendemos suscitar discussões sobre como uma comunidade tradicional e ribeirinha, localizada em João Pessoa, capital da Paraíba, tem utilizado o audiovisual como estratégia de voz e de criação de poder simbólico.

Há mais de vinte anos, a comunidade sofre ameaças de retiradas por parte dos poderes públicos com a finalidade de revitalização do lugar, o que inclui a retirada de moradias sem o diálogo horizontal com os moradores (SILVA, 2008).

Como estratégia de enfrentamento, as mulheres da Associação das Mulheres do Porto do Capim, têm buscado criar possibilidades de visibilidades. Uma dessas estratégias é a produção audiovisual. Vale ressaltar que em alguns materiais produzidos na comunidade, são as próprias mulheres que ‘emprestam’ seus corpos para a tela, protagonizando a obra e a vida.

O presente artigo objetiva analisar como o corpo da mulher ativista da comunidade Porto do Capim, em João Pessoa, é posto em cena no videopoema



*Cumadre Fulorzinha*¹² e como essa ocupação audiovisual releva força diante das desapropriações de parte da comunidade pelas gestões da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

Trata-se de um estudo de caráter qualitativo, partido da observação das imagens, do som e da narrativa empregada na obra. Dialogando com as perspectivas decoloniais, a pesquisa revela que existem rupturas de estereótipos, evidenciando identidades, pertencimentos, posicionamentos e voz.

1 Como pensar a atual realidade comunicacional? Discussões iniciais

Na tentativa de responder a esse questionamento tão presente nos tempos atuais, caminhamos para observar o fenômeno comunicacional através do cinema e outras linguagens em localidades sul, ou seja, como a comunicação e as tecnologias são instrumentalizadas em lugares historicamente subalternizados, sobretudo, pela sombra do colonialismo. Para além dos lugares geográficos, nos interessa observarmos os corpos das sujeitas e dos sujeitos dentro desse contexto comunicacional.

No campo da comunicação, atualmente, é imprescindível observarmos os sujeitos, as tecnologias e, para este estudo, a comunidade. Isso porque é com os sujeitos em interação com a comunidade, utilizando os aparatos tecnológicos de captura de imagem e som - relação do humano com as tecnologias -, que podemos ter tais fenômenos comunicacionais, já “[...] que a comunicação estava (está) mediando todos

¹ Essa é forma escrita do título da obra

² *Cumadre Fulorzinha - Cartografia de Imagens* (2020) Direção: criação audiovisual coletiva. Cartografia de Imagens, Paraíba, Brasil, 2020, on line. (3:36 min). Endereço: https://www.youtube.com/watch?v=R_oZMy1lmxU. Acessado em 25 de nov. de 2021



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

os lados e as formas da vida cultural e social dos povos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 153, grifo nosso). Trata-se, portanto, de observarmos as “[...] dimensões simbólicas da construção do coletivo” e os sentidos sociais (ibidem).

Caminhamos para refletir sobre o papel das tecnologias. Contudo, o foco não está unicamente nas tecnologias. Nossa lupa está no movimento dos equipamentos tecnológicos ativados, geridos, articulados pelos e com os sujeitos em interações. Ou seja, esses sujeitos e essas sujeitas em “articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 258). Um dos exemplos dessas novas “modalidades de comunicação, revelado pelas inovações tecnológicas” (SIGNATES, 2003, p. 10), pode ser observado na comunidade Porto do Capim, em João Pessoa, no Estado da Paraíba.

A comunidade Porto do Capim, através da Associação das Mulheres, vem utilizando o audiovisual – incluindo a produção cinematográfica - como estratégia comunicacional para promover espaço de voz, evidenciar identidades e demarcar seu território. Trata-se de uma luta histórica pelo direito à moradia

[...] suas lideranças são as mulheres da comunidade da área do Porto do Capim. Mulheres que buscam no espaço urbano seus direitos, dentre eles o primeiro necessário à sua reprodução e da sua família, a moradia. A moradia vai muito além da habitação, está implícito nessa moradia relações: social (vizinhanças) e com os elementos naturais (rio e mangue) (SILVA, 2015, p. 244).

Essa “moradia” que implica o contato com as outras pessoas, com o rio, com o mangue, demonstra a relação de pertencimento e associação corpo e lugar e, como já falado, ‘lugares/corpos’. Localizada no bairro do Varadouro, um dos bairros mais antigos da capital da Paraíba, as residências lá fixadas datam de aproximadamente oitenta anos. As moradias ficam, em sua maioria, entre a linha ferroviária e o Rio Sanhauá. Trata-se de um local histórico para o Estado da Paraíba e para o Brasil, pois



A área do Porto do Capim foi a porta de entrada dos colonizadores e importante área comercial durante praticamente quatro séculos, o que configura não apenas uma área que presenciou o testemunho de práticas e tradições de uma época em um dado momento, mas de vários momentos e em várias épocas (SILVA, 2018, p. 45).

Para impedir a desapropriação de forma vertical - que inclui a falta de diálogo com a comunidade e de planejamento coletivo³ - as mulheres vêm utilizando o audiovisual como práticas de comunicação, posicionamentos e, conseqüentemente, possibilidades de poder simbólico (BOURDIEU, 1989). É importante ressaltar que tais estratégias de ocupação do audiovisual também acontecem não apenas na produção, ou seja, por trás das câmeras, mas no ‘empréstimo’ de seus corpos para compor as cenas.

A partir da obra *Cumadre Fulorzinha*, o corpo da mulher ativista é posto em cena. Mas, como essa narrativa é construída a partir desse *lugar-corpo*? Quais são as operações simbólicas para o enfrentamento já falado?

2 Matrizes conceituais e ‘sul’ da pesquisa: discussões necessárias

Trazemos para esse tópico uma provocação conceitual. Por que o termo ‘norte’ aponta para o lugar de chegada? Desse modo, assumindo uma postura decolonial, apontaremos para o sul, de forma metafórica e de maneira, também, concreta.

As matrizes conceituais que melhor colaboram na interpelação desse problema, a partir do objeto escolhido, são: o direito à organização da comunidades e seus modos de vida (KRENAK, 2019); estratégias de construção de capital simbólico (BOURDIEU,

³ Irlay David Fabrício da Silva, em sua dissertação de mestrado, defendida em 2018, citando Gonçalves (2004), afirma que historicamente os moradores da comunidade não participavam das reuniões de definição das ações de ‘revitalização’ da área do Porto do Capim e, em suas palavras: “[...] ainda que a comunidade [...] fizesse parte de algumas reuniões da Comissão do Centro Histórico, a participação se dava de modo passivo [...], visto que, na maioria das vezes, a Comissão já tinha estabelecido os procedimentos e as diretrizes a serem desenvolvidas na área” (SILVA, 2018).



1989); situei o Porto do Capim na história do audiovisual paraibano; observarei como o processo de mediação (MARTÍN-BARBERO, 1997), midiatização (VERÓN, 1997; BRAGA, 2007, 2016; SODRÉ 2002; 2006), e “investimentos simbólicos do povo” (SODRÉ, 1998), acontecem na comunidade em questão. .

Para este trabalho, é importante resgatarmos os conceitos de “subalternidade” e “sujeitos subalternos”, a partir das reflexões de Mignolo (2003) e de Spivak (2010), respectivamente. Pretendemos pensar nessas sujeitas e nesses sujeitos subalternizados pelos poderes públicos como sujeitos ativos.

3 Pode uma ribeirinha falar?

A partir das provocações originadas na obra “Pode uma subalterna falar”, de Gayatri Chakravorty Spivak (2010) e “Memórias da Plantação” de Grada Kilomba (2019), podemos pensar que o vídeo e as performances são lugares de existências ou de se colocar no mundo. Contudo, esse lugar de existência – quando estamos falando de corpos subalternizados - é um lugar, também, de disputa por representatividade e um lugar de enunciação. O cinema, o audiovisual, as formas estéticas decoloniais são isso, sobretudo, por serem lugares de construções simbólicas que questionam o que está posto. Portanto, é necessário indagar: estudar a partir de um produto produzido por uma comunidade tradicional e ribeirinha que sofre constantes ameaças de desapropriações, evidencia uma discussão sobre quem são essas sujeitas? Como esse sujeitos subalternizados são percebidos pelos poderes públicos? Observando a questão do Porto do capim, Silva (2015), nos ajuda a entender:

Cumpramos ressaltar como foi elaborado o projeto de revitalização do Porto do Capim é similar a outros que foram executados no Brasil, a exemplo de Salvador e São Paulo. Foram marcados por uma política higienista [...] e limpá-lo de pessoas indesejadas na maioria pobres (baixa renda) [...]” (SILVA, 2015, p. 131).



Estamos diante do Estado que se utiliza de técnicas para “higienizar” os lugares e subalternizar corpos, sub-humanizar seres, vendo esses sujeitos como “sub-humanidade” (KRENAK, 2019). Conclui-se que trata-se do reflexo histórico, sombra do colonialismo, ainda nos dias atuais, e a falta de políticas públicas para comunidades tradicionais; ecos de uma colonização exploratória que ganha corpo e fôlego num sistema neoliberal.

4 Conclusões preliminares

Com os avanços tecnológicos, percebe-se que tais estratégias comunicacionais colaboram para o desenvolvimento da sociedade (GOMES, 2016). Quando grupos de pessoas se instrumentalizam com os meios de comunicação, com as imagens, com a tecnologia em movimento socioculturais, com e para a sociedade, influenciando tanto a própria mídia quanto os processos de significações, ou seja, as relações sociais, estamos diante de fenômenos de miatização.

O vídeo *Cumadre Fulorzinha*, fruto de uma ação da *Semente – Escola de Audiovisual*, através do projeto *Cartografia de imagens: filme-carta, formação e experimentação*, na comunidade Porto do Capim, em João Pessoa, evidencia a figura da mulher vinculada ao mito da guardiã da floresta, figura que faz parte do imaginário do Nordeste e que têm ligação direta com elementos da natureza, com o espaço e, nesse caso, com a paisagem do Porto do Capim. Trata-se, portanto, de uma alegoria e, ao mesmo tempo, de um dispositivo de posicionamento.

Em sua narrativa e nas imagens existem reivindicações do território mostrando que há pertencimento e identidade. Também revela força quando em trecho da narração, a voz diz:

“[...] estou aqui no Porto do Capim. História de um porto abandonado, território de rio e manguezal, essência do lugar varadouro, nascedouro da Parahyba, capital. Quem na comunidade habita, é suspeito falar, pois tem tantas riquezas que nos dedos não se pode contar. De todas ela é única, banhada pelo rio Sanhauá e os moradores daqui afirmam que é nela que



Anais de Resumos Expandidos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

querem ficar. Portando não me subestimem. Nesse território estou a cuidar, me chamo Cumadre Fulorzinha, meu assovio serve para alertar. Autoritarismo aqui não é aceito, passe bem longe com sua prepotência, pois o sangue que corre em nossa veias brota de uma fonte ancestral, sinônimo resistência!” (CUMADRE FULOZINHA - Cartografia de Imagens, 2020)

O território aqui é demarcado a partir do lugar de vivência da ativista – Rossana Holanda – que empresta seu próprio corpo para a obra e sua voz para a narração. Lugar de pertencimento oralizado e que mostra resistência.

Colocando seu corpo em tela, evidencia, pelo menos, dois pontos: a) trazer sua imagem evitando a invisibilidade desse corpo - ativo e ativista – e, b) se *aquilombar*, ou seja, ao mesmo tempo que mostra, se esconde através das folhas que caracterizam a figura de Comadre Fulorzinha.

Percebe-se que as obras audiovisuais produzidas no território ribeirinho do Porto do Capim, promovem narrativas que buscam reforçar as características da comunidade, do folclore local, dos mitos, do cotidiano ribeirinho, reforçando um lugar que evoca o falar por si e que busca fazer da linguagem do cinema, do videoclipe, do videopoema, dispositivos de visibilidades dentro e para além do Porto do Capim.

Referências

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

GOMES, P. G. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. Revista FAMECOS, v. 23, n. 2, p. ID22253, 21 mar. 2016.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. 2019. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 85p.



Anais de Resumos Expandidos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997

SIGNATES, L. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação. **Novos Olhares**, [S. l.], n. 12, p. 4-19, 2003. DOI: 10.11606/issn.2238-7714.no.2003.51386. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51386>. Acesso em: 19 mar. 2022.

SILVA. Araci Farias. Resistência e luta das mulheres do Porto do Capim em João Pessoa: o direito à cidade desde a perspectiva de gênero. **ENCONTRO NACIONAL DA ANGEPE**, 11, 2015, Presidente Prudente, SP. p. 2242-2253. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/7/221.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.